

# Apresentação

Em seu 26º número, a revista *Significação* reúne nove artigos que, mesmo com temáticas e pontos de vista diferenciados, poderão despertar a atenção dos leitores para aspectos que estão sendo desenvolvidos em pesquisas que têm como convergência assuntos atinentes ao campo comunicacional.

O artigo “O conceito sócio-filosófico de Alfredo Schütz e suas implicações epistemológicas para o campo da comunicação”, assinado por Ulrich Schröder, mostra como, a partir da teoria de uma sociologia interpretativa, Schütz encontra um fundamento teórico básico para estudos empíricos no campo da comunicação em nossos dias, retomando a análise que o pensador faz do “mundo da vida” (*Lebenswelt*), para acentuar que o sentido não representa uma realidade objetiva, mas sim uma realidade interpretada e válida intersubjetivamente.

Em “Campo de migrações: Fabiano, Manuel, Ranulfo e os anônimos do sertão”, Ismail Xavier compara filmes brasileiros recentes – *Baile perfumado* (1996) e *Cinema, aspirinas e urubus* (2005) – com clássicos do Cinema Novo, como *Vidas Secas*, *Os fuzis* e *Deus o diabo na terra do sol*. O autor destaca a maneira como os filmes concebem seus personagens principais e dão sentido às suas experiências, tanto em conexão com a representação de tipos sociais para os quais a migração é uma necessidade (Cinema Novo), quanto a representação de indivíduos que enfrentam encontros inesperados e vivem a migração como uma experiência singular, revestida de um caráter transnacional (produção das últimas décadas).

Henri Gervaiseau aponta, em seu artigo, as principais características da série videográfica *Histoire(s) du cinéma*, de Jean Luc Godard, e discute de que modo o realizador estabelece nesta obra uma trama poética que implica relações entre a história do século XX, a história do cinema e a sua própria história.

Charo Lacalle, em “Homogeneización y difusión de moda en los medios de comunicación audiovisual”, convoca *El sistema de*

*la moda*, de Roland Barthes, como referência teórica a fim de determinar o papel dos meios audiovisuais na homogeneização e difusão da moda, ao mesmo tempo em que faz uma homenagem, mesmo que tardia, como acentua, ao livro do semiólogo francês.

Em “Estética e Cibercultura: arte no contexto da segregação dromocrática avançada”, Eugênio Trivinho contextualiza e problematiza a relação entre estética e suportes virtuais no recorte dos anos 90 em diante, priorizando os pressupostos, os paradoxos e os horizontes teóricos e artísticos implicados. O texto provê, como contribuição ao debate, novos indicadores conceituais para apreender a redefinição que o estatuto e o papel cultural da produção artística de ponta sofreu no contexto contemporâneo.

Em “Configuração da luz em *Moça com brinco de pérola*, Geraldo Carlos do Nascimento pretende chamar à atenção, amparando-se basicamente num texto de Greimas e num estudo de Jacques Fontanille, para aspectos da linguagem visual do filme *Moça com brinco de pérola* (2004), de Peter Webber, obra inspirada na tela homônima do pintor holandês Vermeer.

Cecília Sayad, em “Authorship in the interstices of History, Biography and Memory: *Histoires(s) du cinéma* and *Cabra marcado para morrer*”, discute a questão autoral no cinema e a repercussão que esse fenômeno tem ainda hoje.

Anna Maria Balogh e Antônio Adami, em “Sobre Walter George Durst e a arte de roteirizar”, resgatam conceitos e observações do roteirista levantados em encontros, cursos e conferências na academia.

Com a intenção manifesta de acentuar a importância de Walter Murch na mudança do pensamento sonoro dos filmes norte-americanos de ficção, Eduardo Santos Mendes estuda em “Walter Murch: a revolução da trilha sonora cinematográfica”, o uso do ruído nas trilhas realizadas por Walter Murch na década de 1970, em especial no seu trabalho em *O poderoso chefão* (1972) e em *Apocalypse* (1979), filmes dirigidos por Francis Ford Copola.